



No Pacaembu, 70 mil pessoas lembram os 80 anos da imigração japonesa para o Brasil

Plano de saúde dá resultado em Goiás

Da Sucursal

Goiânia — Como levar assistência sanitária às populações mais carentes e não servidas por postos de saúde e médicos? Para resolver esta questão em Goiás, o governo Henrique Santillo encontrou uma alternativa que, segundo ele, já está apresentando bons resultados: O Programa de Medicina Comunitária. Ele é desenvolvido pela Secretaria da Saúde em convênio com o Suds e as prefeituras do interior, através da eleição e treinamento de agentes de saúde — pessoas escolhidas pela própria comunidade e que, sem se transformarem em funcionários públicos, recebem instruções, equipamentos e medicamentos necessários à prestação de assistência básica, imunização, prevenção de doenças, normas de higiene, puericultura e outros cuidados mínimos. O agente de saúde tem no livro "Onde não há médico", do norte-americano David Werner, da Universidade da Califórnia, uma espécie de Bíblia.

A idéia não é nova e há mais de 20 anos outros países vêm desenvolvendo programas semelhantes, partindo do princípio de que medicina não é só para os médicos. Em Goiás a coordenação dos trabalhos fica a cargo da Superintendência das Ações Básicas de Saúde, onde o médico Halim Girardi explica: "O agente de saúde não é médico, é um auxiliar. Sua função liga-se mais ao aspecto preventivo da medicina; é muito mais educativa do que propriamente clínica. Ele não substitui o médico, antes, complementa a ação deste, procurando tornar o serviço de saúde pública mais eficiente e mais acessível".

ALTERNATIVA

O programa centra-se na idéia de que é evitando, por

meio da prevenção de doenças, a intervenção do médico e, assim, o próprio atendimento médico ganha em qualidade. A Organização Mundial de Saúde tem estimulado o desenvolvimento de programas desse tipo, buscando envolver diretamente as comunidades na organização e administração dos serviços de saúde pública. Os dados sobre a precariedade da saúde pública no Brasil são impressionantes — 400 mil crianças morrem a cada ano, antes de completar 12 meses — justificam plenamente alternativas como a formação de agentes de saúde. Boa parte dessas mortes está relacionada diretamente a falta de conhecimentos elementares sobre higiene e prevenção de doenças — o que se evitaria por meio de cuidados adequados com a higiene e alimentação.

Se a situação não é boa, o governo Henrique Santillo, "ao invés de ficarmos procurando culpados, vamos encontrar soluções. E uma das soluções, espera-se, é a formação de uma vasta rede de agentes de saúde, pontas de lança da saúde pública, que possam tornar realidade os princípios da medicina comunitária", afirma Halim Girardi. Ele mesmo vinha batallhando por esse sistema no município goiano de Mambai, divisa com a Bahia. Seu trabalho despertou a atenção do governador Henrique Santillo, também médico, que, ao ser eleito, o convidou a integrar a equipe da Secretaria de Saúde e ampliar a experiência até estender a todo o Estado.

BONS RESULTADOS

As avaliações do Programa de Medicina Comunitária até agora realizadas indicam resultados satisfatórios nas cidades ou bairros em que as agentes de Saúde estão trabalhando. A ação foi iniciada há quase seis

meses, quando uma equipe de médicos, enfermeiras e assistentes sociais iniciaram a fase de mobilização, em que os assistentes desempenharam um papel muito importante. Entraram em contato direto com a comunidade para explicar o programa e tentar ganhar-lhe a confiança, recrutando e selecionando candidatos, através de eleições. A segunda fase é a do treinamento dos agentes, com aulas práticas teóricas sobre as tarefas que desempenharão.

Em geral são homens e mulheres que um dia pensaram em seguir a carreira de médico. É o exemplo de Domingos Pedro da Silva, de São Luiz de Montes Belos. Morador do distrito de Rosalândia, conta que seu sonho era viajar pelo País com o Projeto Rondon, prestando assistência aos carentes, mas não podia entrar na Universidade. Como agente de saúde, busca compensar essa falta. Em Iporá a enfermeira Marisa conta o caso de um rapaz que, a princípio, não demonstrava nenhuma condição para fazer o curso. A profissional de saúde pensou que ele não iria longe, pois fora eleito porque em sua comunidade não apareceu outro candidato. Entretanto ele se revelou alguns dias depois como o mais talentoso e aplicado do curso e entusiasmou-se pelo programa, anunciando que finalmente descobriu sua verdadeira vocação. Há casos no entanto, de pessoas que se mostram sem qualquer aptidão e são excluídas do curso.

Os profissionais que lecionaram para as primeiras turmas até se entusiasmam ao relatar os efeitos positivos. Altair Justina, assistente social que atuou em São Luiz, acha que só as informações que os agentes de saúde repassarão às suas comunidades já representarão "uma luz que antes estava apagada".

CORREIO BRAZILIENSE 9 JUN 1988

19 JUN 1988